

Violência por parceiro íntimo em relações homossexuais masculinas: Um estudo qualitativo

Intimate partner violence in male homosexual relationships: A qualitative study

Daniel Cerdeira de Souza¹, Adriano Beiras²

Como citar esse artigo. DE SOUZA, D. C. BEIRAS, A. Violência por parceiro íntimo em relações homossexuais masculinas: Um estudo qualitativo. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 15, n. 1, p. 227-241, jan./abr. 2024.

Resumo

Analisamos os significados da Violência por Parceiro Íntimo (VPI) nas relações íntimas de um grupo de homens que mantém relações homossexuais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, onde oito homens que mantêm relações íntimas com outros homens foram entrevistados. Os dados foram analisados pela Análise Temática e construímos quatro temas: Performatividade de Masculinidades; Intergeracionalidade; Sexualidade; Disputa de poder. As relações aqui analisadas foram permeadas por disputas de poder baseadas em gênero, raça e classe, que culminaram em VPI. Observamos que os estereótipos de gênero deram inteligibilidade às violências sexuais. Os participantes da pesquisa, principalmente aqueles que não performatizam os estereótipos de masculinidade esperados, foram expostos a uma carga de estresse social intensa que teve reflexo nas situações de VPI relatadas. Concluímos que a interseccionalidade entre diversos fatores sociais dificulta que homens se reconheçam como envolvidos em tais situações.

Palavras-chave: Violência por parceiro íntimo; Masculinidades; Gays; Homens que fazem sexo com homens.



Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Abstract

We analyze the meanings of Intimate Partner Violence (IPV) in the intimate relationships of a group of men who maintain homosexual relationships. This is a qualitative research, where eight men who have intimate relationships with other men were interviewed. The data was analyzed using Thematic Analysis and we constructed four themes: Performativity of Masculinities; Intergenerationality; Sexuality; Power dispute. The relationships analyzed here were permeated by power struggles based on gender, race and class, which culminated in IPV. We observed that gender stereotypes made sexual violence intelligible. Research participants, especially those who do not perform the expected masculinity stereotypes, were exposed to an intense load of social stress that was reflected in the reported IPV situations. We conclude that the intersectionality between different social factors makes it difficult for men to recognize themselves as involved in such situations.

Keywords: Intimate partner violence; Masculinities; Gays; Men who have sex with men.

Introdução

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2013), a violência por parceiro íntimo (VPI) consiste em atos de violência perpetrados por parceiro íntimo atual ou passado, independente das partes coabitarem ou não e inclui abuso físico, sexual, psicológico/emocional, financeiro, bem como comportamentos controladores e outras formas de violência que vão sendo instituídas socialmente. Ela encontra-se no contexto de uma relação íntima, que aqui são entendidas como a construção de vínculos

Afiliação dos autores:

¹Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina; Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas. Professor Adjunto da Universidade Federal do Amazonas – Instituto de Natureza e Cultura, Benjamin Constant, Amazonas, Brasil.

²Doutor Europeu em Psicologia Social pela Universidade Autônoma de Barcelona. Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

* Email de correspondência: dancerdeira01@gmail.com

Recebido em: 29/11/2023. Aceito em: 16/02/2024.

afetivos e sexuais entre os sujeitos, o que cria uma identidade compartilhada do casal (COSTA; CENCI, 2014). Dessa forma, o objetivo deste estudo foi analisar os significados da VPI nas relações íntimas de um grupo de homens que mantém relações homossexuais.

As relações homossexuais foram duramente reprimidas por seu caráter desestabilizador da sociedade (RODRIGUES, 2012), de forma que no século XIX, a homossexualidade passou a ser objeto de estudo de análise médica, sendo patologizada (FOUCAULT, 1996), o que deu respaldo social para a formulação de “tratamentos” que feriam diversos direitos de homossexuais, o que era baseado na perspectiva de que a heterossexualidade era natural e superior, sendo a única possibilidade de vivência sexual (TREVISAN, 2000).

Esse contexto de violência histórico-social, discriminação e repressão faz com que as relações homossexuais sejam pensadas dentro do contexto de estresse social minoritário (MEYER, 2003). Esse conceito explica que membros de um grupo social estigmatizado experimentam estressores sociais comuns em maior intensidade além de vivenciarem estressores únicos por conta de sua condição minoritária e envolve a experiência de discriminação por conta de sua orientação sexual bem como a construção da sua própria identidade sexual a partir de significados negativos em relação a diversidade sexual e a antecipação do preconceito, geralmente associada a ocultação de sua orientação sexual. Tal conceito auxilia na explicação da VPI nas relações homossexuais tanto na vitimação quanto na perpetração e na violência bidirecional.

Este estudo encontra-se dentro dos estudos das masculinidades, que aqui são entendidas a partir do conceito de gênero de Butler (2003). Para a autora, o gênero é a repetição de atos, gestos e signos do âmbito cultural que reforçam a construção de corpos masculinos e femininos de forma binária, ou seja, o gênero é a repetição intencional de significados que nos produz enquanto homens/mulheres. Dito isso, entendemos as masculinidades a partir da performatividade, o que as torna plurais, construídas simultaneamente em dois campos segundo Kimmel (1998): nas relações entre homens e mulheres (desigualdades de gênero) e nas relações com outros homens (desigualdades baseadas em marcadores como raça, classe, sexualidade e afins).

De acordo com Connel (1995) e Connell e Messerschmidt (2013), existem alguns modelos de masculinidade presentes no ocidente que podem nos ajudar na análise da VPI: o primeiro diz respeito a masculinidade hegemônica, que representaria a forma mais honrada de ser homem, organizado a partir do homem heterossexual branco, como sendo uma ‘liderança natural’ da sociedade, que precisa ser confirmada e reconfirmada o tempo todo para não perder sua posição hegemônica. O segundo tipo é a masculinidade subordinada, organizada a partir de relações de poder e subordinação entre grupos de homens baseados em marcadores sociais (como, por exemplo, a subordinação de homens homossexuais a homens heterossexuais e de homens mais novos a homens mais velhos). O terceiro tipo é a masculinidade cúmplice, que desfruta de algumas vantagens da masculinidade hegemônica, mas não a defendem publicamente e não atingem por completo essa posição hegemônica. Por fim, o quarto tipo é a masculinidade marginalizada, que se volta para as relações entre classes étnico-raciais, ou seja, ela está marginalizada devido a sua condição racial.

Os modelos de compreensão da VPI foram historicamente organizados na perspectiva dicotômica homem agressor/mulher vítima (SANTOS; CARIDADE, 2017), de maneira que essa compreensão auxiliou a organizar diversas redes de atuação em políticas públicas focadas nas necessidades de mulheres heterossexuais cisgêneras (WOODYATT; STEPHENSON, 2016). Assim, socialmente, parece haver uma aura de ‘inexistência da VPI’ em relações não heterossexuais, mas ela também é invisibilizada pela comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT), que teme reforçar significados negativos em relação a tais relações, mas também pelas diversas áreas das ciências, uma vez que esse fenômeno questiona o pressuposto de que a VPI seria resultado de relações de gênero desiguais (CHONG; MAK; KWONG, 2013).

Considerando o exposto, de acordo com Guadalupe-Diaz e Barredo (2013), homens podem estar particularmente em risco para o envolvimento em VPI devido a socialização de gênero que estimula que homens sejam violentos e normalizem a violência como forma de resolver conflitos. Na pesquisa de Santos

e Caridade (2017) as formas de VPI mais presentes nas relações entre homens foram a coerção sexual (tanto perpetrada quanto vitimada), seguidas da violência psicológica e física. A pesquisa de Stephenson *et al.* (2014) mostrou a violência psicológica e a coerção sexual como frequentes nas relações entre homens.

Finneran e Stephenson (2014) e Buller *et al.* (2014) sugeriram alguns fatores para a VPI nas relações íntimas entre homens, a saber: performatividade de gênero violenta (incluindo comportamentos controladores e tentativas de dominar o parceiro e a relação); uso e abuso de substâncias (como uma forma de lidar com o estresse minoritário e como forma de socialização entre homens) funcionando como disparador e catalizador de VPI; a dependência do parceiro (seja emocional ou financeira), a reprodução de valores heterossexuais e monogâmicos nas relações; o estigma do HIV e desigualdades diádicas (como fatores financeiros e de idade, por exemplo). Stephenson *et al.* (2014) explica que homens que assumem sinais de feminilidade e não performatizam os estereótipos de gênero esperados para a masculinidade podem estar em risco aumentado para a VPI.

Muitos preconceitos dificultam e mesmo impedem que homossexuais reconheçam e denunciem a VPI vivida em suas relações. Podemos citar o fato de que os sistemas de atendimento a VPI não estão configurados para atender homossexuais vitimados na intimidade (CALTON; CATTANEO; GEBHARD, 2016), pois espera-se que homens que tenham problemas em suas relações íntimas resolvam tais questões sem a presença do Estado ou de qualquer outra forma de apoio (STEPHENSON *et al.*, 2014) o que faz com que a sociedade minimize tal problema (SUGG, 2015).

No Brasil, os dados sobre VPI homossexual masculina são incertos, ou mesmo inexistentes, visto que o Estado Brasileiro não possui mecanismos oficiais para lidar com a VPI homossexual, de forma que mesmo que a vítima de VPI homossexual denuncie a violência vivida, a falta de normativas oficiais deixa a decisão de intervenção estatal no caso nas mãos de quem opera o direito e, assim, o que vai definir se o Estado intervém ou não é a abertura a diversidade de quem julga o caso naquele momento específico, pois o Congresso Nacional Brasileiro muitas vezes trata temas voltado a diversidade sexual como ‘ameaças a família tradicional’ (SOUZA; HONORATO, 2020). A partir disso e considerando o exposto até aqui, a pergunta que norteou essa pesquisa foi: como um grupo de homens que se relacionam com outros homens significa a VPI?

Metodologia

A pesquisa é qualitativa, com cunho exploratório (CRESWELL, 2007), onde nos preocupamos em compreender em profundidade as concepções e experiências de um grupo de homens que se relacionam com outros homens sobre a VPI.

Oito homens que se relacionam com outros homens participaram da pesquisa, escolhidos na medida em que estavam disponíveis e acessíveis. Para garantir o sigilo das informações, nomeamos os participantes de P1 (participante 1) até P8 (participante 8). Como critérios de inclusão foram adotados: ser um homem que se relaciona com outros homens com idade igual ou superior a 18 anos, residente da cidade de Manaus e ter vivenciado VPI de maneira perpetrada ou vitimada em uma relação com outro homem. Já como critérios de exclusão: ser portador de algum transtorno mental ou outro problema de saúde que impeça sua comunicação (devido a sensibilidade do tema) e/ou desistir da pesquisa a qualquer momento de sua execução. Para encontrar participantes, foi utilizada a técnica ‘bola de neve’, procedimento em que indivíduos selecionados para a pesquisa convidam outros participantes de sua rede social. Tal procedimento é útil para se estudar populações difíceis de serem acessadas ou em que não há precisão sobre sua quantidade (VINUTO, 2014). Dessa maneira, ela foi escolhida considerando o estigma social que está envolvido em ser um homem que se relaciona intimamente com outros homens.

Para construir os dados, utilizamos a entrevista semiestruturada (CRESWELL, 2007), mediada por um roteiro pré-definido de tópicos flexíveis a seguir, o que privilegiou a interação entre os sujeitos na

construção conjunta de significados. A construção dos dados ocorreu na cidade de Manaus/Amazonas, em 2020, encerrada com oito entrevistas, pois adotamos o critério de saturação dos dados, um momento da coleta em que novos dados não elucidam mais o objeto investigado, de modo que os dados começaram a se repetir e passaram a não acrescentar mais novos elementos na investigação (MINAYO, 2017).

Para analisar os dados, foi utilizado o procedimento de Análise Temática (AT) (SOUZA, 2019). Esse procedimento identifica, interpreta e relata padrões (os temas) em pesquisas qualitativas e está atrelada a pesquisas sociais com agenda de justiça social. De acordo com Souza (2019), a AT é composta por 6 fases:

1º - Familiarização com os dados: diz respeito à transcrição e revisão dos dados através de leituras e releituras. Nesse momento, foi realizada a transcrição literal dos dados no Microsoft Word.

2º - Geração de códigos: visa destacar dados relevantes de modo sistemático em todo o texto, reunindo estratos de dados sobre cada código. Nesse momento, a partir de leituras extenuantes, foram registrados códigos que nos davam pistas sobre os significados da VPI.

3º - Busca de temas: visa reunir os códigos em possíveis temas, reunindo também os dados de cada código para o potencial tema. Nesse momento, os códigos foram reunidos em possíveis temas, que tem como característica ser amplo e reunir vários códigos.

4º - Revisão dos temas: nesta etapa, foi verificado se os potenciais temas apontavam para o objetivo da pesquisa e se apresentavam coerência com banco de dados como um todo.

5º - Definição e nomeação os temas: os temas foram nomeados e foram refinados os detalhes de cada história a ser analisada.

6º - Produzir o relatório: diz respeito à discussão dos dados, relacionando os temas com o problema da pesquisa, com a literatura, oferecendo exemplos do que é discutido. O relatório consiste nos resultados a serem discutidos neste estudo.

Aliado a AT, considerando a complexidade da VPI, utilizamos a interseccionalidade como operador analítico. Esse conceito busca articular dinâmicas de interação entre dois ou mais eixos de opressão, sendo uma ferramenta analítica útil para estudar a experiência de grupos sociais marginalizados socialmente (CRENSHAW, 2002).

A pesquisa seguiu as resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que norteia a pesquisa com seres humanos no Brasil. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina e pode ser verificada a partir do parecer nº4.239.311 e pelo código CAEE: 35713920.4.0000.0121. A pesquisa foi financiada por uma agência de fomento à pesquisa, ciência e tecnologia brasileira chamada Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Breve caracterização dos participantes

Dos oito participantes da pesquisa, quatro são naturais do estado do Amazonas, dois do Rio Grande do Sul, um do estado do Pará e um do estado de Minas Gerais. Quanto ao estado civil, todos estavam solteiros (mas um mantinham um relacionamento no momento da pesquisa). As idades dos participantes estiveram entre 24 e 40 anos. Nenhum dos participantes declarou ter alguma deficiência. Quatro participantes se autodeclararam brancos e quatro negros. Em relação a identidade de gênero, todos os participantes se declararam cisgêneros. Sete participantes se declararam homossexuais e um bissexual. Em relação a escolaridade, cinco participantes possuíam o ensino superior completo, um cursava o ensino superior e outro tinha o ensino médio completo. Cinco participantes relataram estar desempregados e faziam trabalhos informais para obter renda. Quanto a esta última, as rendas dos participantes giraram em torno de um salário-mínimo (R\$ 1.320,00) até oito salários-mínimos (R\$ 10.560,00). As atividades informais realizadas para obtenção de renda consistiam em ser motorista de aplicativo (P8), criação de

arte e mídia e educação comunitária. Os que tinham emprego formal estavam inseridos na área da saúde e educação.

Resultados e Discussões

1º) Performatividade de masculinidade

O primeiro tema organizado nesta pesquisa aponta para a performatividade de masculinidade:

Agressividade

De acordo com Butler (2003), o ato performativo consolida uma impressão de sermos homens ou mulheres e Souza (2005) explica que o modelo de masculinidade hegemônica é constituído de significados que associam o masculino ao poder, a virilidade e a agressividade. P3, ao tentar entender o que motivaria seu parceiro a ser violento, nos dá pistas sobre essa questão:

P3: [...] de firmar para ele que ele é homem e que ele precisa lidar com aquilo de forma brutal. Usar da violência pra resolver conflitos dos menores que sejam, de se mostrar mais homem não só pra ele, mas pra família e pra sociedade e para as pessoas que a gente conhece, em mostrar mais pulso firme, em mostrar “óh eu sou um gay passivo e afeminado, mas eu meto a mão na tua cara”. É mostrar que minha masculinidade pode ser um pouco frágil mas ao mesmo tempo eu demonstro que a minha masculinidade pode ser agressiva.

P3 classificou seu parceiro como afeminado, termo utilizado para designar homens gays que não performatizam aspectos da masculinidade esperada socialmente. Além disso, a posição sexual predominante de seu parceiro era o passivo, ou seja, aquele que na relação sexual é penetrado. É preciso considerar que o imaginário social constrói os corpos de homossexuais de maneira dicotômica, ou seja, existe o ‘homem gay’ e a ‘bixa’. Um clássico desse estudo é Fry (1982), que explica que para a sociedade conseguir ler as relações homossexuais, foi preciso tentar enquadrá-las no modelo heterossexual, onde o homem gay é masculino e viril, o ativo da relação sexual (aquele que penetra) e a ‘bixa’ é feminina e passiva (o parceiro penetrado). Dessa maneira, ser o passivo da relação envolve lidar com estigmas e com inferiorização (MISSE, 2007). Assim, compreendendo o exposto a partir da performatividade, estaria o parceiro de P3 tentando recuperar uma suposta virilidade perdida por ser passivo e afeminado através do uso da agressividade?

A fala de P3 corrobora com Guadalupe-Díaz e Barredo (2013), quando os autores explicam que a sociabilidade de gênero estimula e normaliza a agressividade como um componente de performatividade de masculinidade. Observemos que P3 narra uma masculinidade subordinada (CONNEL, 1995) por se tratar de um homem homossexual que de alguma forma pode tentar se aproximar, através do uso da agressividade, de componentes da masculinidade hegemônica descrita por Connel e Messerschmidt (2013).

A fala de P1 nos ajuda a refletir sobre:

P1: E ele estava falando que quando ele fica com raiva parece que ele sai do corpo dele [...] ele não era assim só comigo, era também com todos os ex dele, sendo que ele mesmo tem

traços afeminados e era passivo.

Na fala de P1 é possível observar a fluidez de performatividade de gênero (BUTLER, 2003) no contexto de VPI, onde rompe-se com a ideia de que a violência é algo estritamente ligado a componentes de masculinidade viril e tradicional, já que um parceiro afeminado e passivo também pode exercer VPI. Nesse sentido, de acordo com Schraiber *et al.* (2012), o uso da agressividade é um dos principais componentes dos processos de subjetivação masculina, e quando esse homem rompe com os estereótipos de masculinidade tradicional, o uso da violência (nesse caso, da VPI), pode emergir como numa forma de aproximá-lo do projeto heterossexual de masculinidade. Assim, o uso da violência faz com que homens sejam lidos socialmente como homens.

Não demonstração de afetos

Outro componente de performatividade que emergiu nos dados está ligado ao entrelaçamento emocional entre os parceiros, que sugere um certo limite em relação a demonstrar afetos na relação. Observemos a fala de P4:

P4: No começo eu pensava que traía porque eu queria buscar fora de casa isso (experiências sexuais), mas quando eu fui botar no papel, não, ele era frio, ele não sabia dar carinho e aí tinha todo um leque de coisas que me faziam ser frio com ele também. Cansei de estar deitado na cama chorando de um lado e ele do outro acordado jogando no celular. Isso era a coisa que mais me incomodava porque eu cuidava dele em todos os aspectos e ele não sabia passar a mão na minha cabeça sem que eu pegasse a mão dele e colocasse na minha cabeça. Ele não tinha o toque de “ah vou te abraçar, vou te dar um carinho”, ele nunca teve isso e isso era a coisa que mais me irritava, ele não conseguia dar carinho pro parceiro e eu tentava explicar, eu não reclamei uma ou duas vezes, eu reclamei várias, então não melhorou por que não quis entender? Tá certo que ele a virilidade, a macheza...

De acordo com Borges e Tilio (2019), a sexualidade masculina é estimulada ao ato sexual em si, onde evita-se o envolvimento emocional. Santos (2015) explica que, no ocidente, homens são socializados a regular e até mesmo reprimir suas emoções devido a estereótipos de gênero que associam a masculinidade a razão e a feminilidade a emoção, resultando em uma oposição binária entre razão/emoção e homem/mulher. Podemos refletir que a sociabilidade masculina requer que homens não falem sobre seus sentimentos, culminando em baixas capacidades para lidar com suas emoções, de modo que ao demonstrar afetos, homens se aproximariam do gênero feminino, rompendo com o projeto de masculinidade normativa. Observemos que na fala de P4, o distanciamento emocional de seu parceiro foi justificado pela ‘virilidade e macheza’ que ele demonstrava. Isso pode apontar justamente para uma leitura social compreensível da performatividade de que homens (mesmo homens gays, como neste caso) não deveriam demonstrar afetividade que não esteja voltada a componentes agressivos e violentos, como a raiva.

Gênero no corpo

Essa categoria reúne pistas em relação a performatividade de gênero no corpo de homens e como essa questão pode ser refletida como VPI. Observemos a fala de P5:

P5: Eu tinha problemas com meu corpo e ele sabia disso [...], quando a gente começou a brigar, ele começou a jogar isso contra mim, ele usava justamente o ele sabia que ia me machucar, além de existir um padrão de estética para homens gays né?

De acordo com Fontes, Borelli e Casotti (2012), é por meio do corpo que a masculinidade é exercida. Pereira e Ayrosa (2012) explicam que o culto a estética do corpo é uma forma de reforçar masculinidades viris, de maneira que alguns padrões corporais (principalmente os magros e musculosos) seriam considerados mais masculinos que outros e isso traria dividendos sociais aos homens (inclusive homens não-heterossexuais) que se enquadrassem esses padrões. Mas P5, ao ser um homem gay negro e gordo se encontrava em uma posição de discriminação complexa: os padrões de beleza do ocidente ridicularizam os corpos negros devido ao racismo (SANTOS, 2014) e por ser um homem gordo, P5 também está fora do padrão de homem musculoso viril. A interseccionalidade entre estereótipos de gênero e racismo deixou P5 vulnerável a VPI do tipo psicológica. A relação com seu parceiro, sendo este um homem branco, musculoso e, portanto, mais próximo dos estereótipos de gênero da heterossexualidade pode ser compreendida como uma relação de poder que tem a performatividade de gênero feita no corpo e a raça como pano de fundo. Isso aponta para relações entre a masculinidade cúmplice (representada pelo parceiro branco, que mesmo sendo gay, se aproxima dos componentes da masculinidade hegemônica) e a masculinidade marginalizada de P5 por ser um homem negro e gay.

Cabe salientar que a fala de P5 descreve um ‘padrão de estética’ para homens gays. Essa questão pode ser compreendida a partir do conceito de homonormatividade. De acordo com Oliveira (2013), a homonormatividade é uma forma de performatividade de gênero que aproxima o homossexual de componentes da heterossexualidade e, assim, torna a homossexualidade ‘aceitável’ socialmente. A relação aqui volta-se para a questão de que quanto mais próximo da heterossexualidade se encontra a performatividade de masculinidade de um homem gay, mais ‘bonito’ e adequado esteticamente ele estaria, se tornando assim, um “homossexual de respeito”.

2º) Intergeracionalidade

De acordo com Oliveira e Sani (2009), a intergeracionalidade da violência doméstica diz respeito ao aprendizado e reprodução da violência vivida na família nuclear nas relações íntimas quando adulto, o que sugere que a convivência em um ambiente familiar violento é fator de risco para a VPI. A fala de P1 nos dá pistas da VPI atravessando gerações:

P1: É engraçado porque a minha vida inteira eu cresci vendo violência doméstica e meu padrasto sempre agrediu minha mãe, até mesmo quando ela estava grávida e eu sempre gerei ódio em relação a isso por que até então eu nunca consegui entender o porquê que ela vivia aquilo, o porquê que ela aceitava aquilo, por que que ela passava aquilo até eu sentir na pele sabe?

De acordo com Paixão *et al.* (2015), a intergeracionalidade da violência doméstica ocorre devido a um mecanismo de internalização, que funciona como uma forma de identificação/aprendizado que gera significados sobre a compreensão da presença da violência nas relações íntimas. Esse processo envolve a naturalização de comportamentos violentos devido à falta de outros modelos relacionais, de maneira que os indivíduos se reconheçam em situações como essa. De forma geral, a intergeracionalidade da violência envolve um processo de condicionamento, onde os sujeitos que vivenciaram violência em suas famílias nucleares durante a infância/adolescência podem se encontrar em risco aumentado de se envolver em relações violentas posteriormente. A fala de P5 explicita outros componentes intergeracionais da VPI:

P5: eu não conseguia sair daquilo, via que ele conseguia manipular muito bem as coisas, ele fazia com que eu sempre me sentisse culpado pelas coisas, isso vem dos meus pais, eu já tenho um histórico ruim com os meus pais e acabei tendo isso no relacionamento, quando eu vi, eu já estava aceitando muitas coisas como minha mãe aceita do meu pai, eu consigo ver com clareza, ele fazia com que sempre eu fosse o surtado, era sempre eu me sentindo culpado por isso, ao ponto de eu aceitar que “não, você não me violentou, eu que pensei besteira”

A fala aponta para diversos componentes, vamos a eles: o primeiro deles é o mecanismo de internalização que pode levar o sujeito a reviver práticas violentas parecidas com as vivenciadas na família nuclear. Ainda é possível observar o componente de raça e gênero em ação nesta situação. P5 relata ter sido manipulado na relação como sua mãe era manipulada na relação com o seu pai. De acordo com Souza, Silva e Honorato (2022), uma característica clássica dos relacionamentos abusivos é a manipulação, de maneira que o parceiro que perpetra VPI usa de diversos mecanismos, como a culpa, para manter o parceiro vitimado não somente na relação, mas sobre controle dentro da relação. A complexidade aumenta quando se percebe que P5 é um homem gay negro que foge dos padrões homonormatizados vivenciando uma relação com um homem gay branco que se aproxima dos padrões de performatividade de masculinidade heterossexual. Dessa maneira, observamos a interseccionalidade entre raça e gênero presentes na intergeracionalidade da VPI entre dois homens gays.

O próximo componente da intergeracionalidade que emergiu nos dados desta pesquisa envolve a compreensão da relação entre presenciar/vivenciar violência na família nuclear e perpetrar VPI em suas relações posteriores. Observemos as falas de P4:

P4: (quando se assumiu como jovem gay) eu fui expulso do colégio interno por que descobriram que eu era gay e chegando em casa teve todo o rolê da família cristã: “onde eu errei?”, de me botar em psicólogo, e blá blá, blá...

A fala de P4 amplia nossa reflexão quando compreendemos a intergeracionalidade da VPI a partir do contexto do estresse social minoritário. Quando Meyer (2003) explica que membros de grupos sociais minoritários vivenciam estressores comuns em maior intensidade, além de estressores únicos por conta de sua condição minoritária, podemos entender que a presença em um ambiente familiar estressante tem impacto direto na VPI na vida adulta. Vivenciar violência na família de origem por conta de sua orientação sexual é comum entre minorias sexuais (GUADALUPE-DIAZ; BARREDO, 2013). Assim, situações de violência doméstica relacionada a orientação sexual tem potencial de produzir risco para a VPI na vida adulta.

Além de vivenciar um contexto estressante por ser dissidente da heterossexualidade, P4 ainda vivenciou situações de violência doméstica entre seus pais que tiveram impacto na reprodução de VPI posteriormente, observemos:

P4: (ao afirmar que reproduz a violência aprendida com os pais) Meus pais eram violentos entre si. A minha mãe é extremamente dominadora e é meu principal referencial de pessoa, mas eu não sei separar, porque me vejo como reflexo dela e isso reflete nas minhas relações. Eu evito usar de violência, luto desde pequeno por uma questão de ter o controle, não para sair batendo, mas tem essa questão de que quando sai do escape, aí f#%e. Geralmente minha mãe batia no meu pai e apontou uma arma para ele, eu tinha 7 anos e tive que ficar no meio dos dois pra ela não atirar nele e vejo que as vezes reproduzo uns padrões assim nas minhas relações.

Assim, observamos que vivenciar violências na família nuclear tem potencial para gerar riscos para a VPI posteriormente, mas no caso de minorias sociais, esse risco pode ser aumentado devido aos diversos estressores vivenciados devido a sua condição minoritária (STILES-SHIELDS; CARROLL, 2014).

3º) Sexualidade

Este tema envolve situações de VPI relacionadas a questões sexuais; vamos iniciar a reflexão com a fala de P4:

P4: Teve uma vez, que eu fiz muita humilhação com ele, questão de tamanho do pau dele, porque ele tem um micro pênis [...] falava “tu nunca vai dar prazer pra ninguém, teu pau é pequeno pra c#@##%#o”, falava assim, nesse sentido, daí pra baixo [...] isso é uma coisa que até hoje magoa ele, mesmo depois de 10 anos, e semana passada mesmo ele falou pra mim “p#a q#u p#@%u eu não consigo me relacionar desde o tempo que tu falava aquilo pra mim”. Eu criei uma marca nele com isso.

De acordo com Gomes (2011) os estereótipos de gênero fazem com que se dê valor a determinadas características corporais como sinais de masculinidade. Nesse sentido, o tamanho do pênis é uma característica que gera significado de virilidade, visto que de acordo com Santos (2015), a sexualidade masculina é centrada no pênis e reduz a sexualidade a área genital, sendo esse um marco essencial para a vida sexual de muitos homens, pois através dos significados historicamente atribuídos a ele, é possível hierarquizar os homens sobre as mulheres, mas também os homens sobre outros homens, visto que, de acordo com Araújo *et. al.* (2014), entre homens gays, o tamanho do pênis é relacionado a qualidade de autoestima.

É possível observar ainda que P4 era o parceiro que predominantemente assumia a posição passiva na relação sexual, o que, supostamente, o colocaria em uma posição hierárquica inferior e feminilizada em relação ao seu parceiro ativo (MISSE, 2007). Essa maneira heterossexualizada de compreender as relações homossexuais camufla a complexidade da VPI. Isso porque, em uma lógica heterossexual, mulheres pouco seriam violentas na intimidade (SOUZA; SILVA; BEIRAS, 2021); então, como se explicaria o parceiro passivo, a ‘bixa’ da relação perpetrando VPI? A fala de P3 nos auxilia na busca por respostas:

P3: (ao relatar as posições sexuais em relação a VPI) [...] esse parceiro violento era passivo, então essa questão de ser ativo ou passivo, pra mim não tem especificidade determinante em relação violência íntima.

É preciso observar que o modelo hegemônico de explicação da VPI é engessado no modelo heterossexual, de maneira que a mulher é entendida como submissa e sempre vítima e o homem é entendido sempre como agressivo e perpetrador. Ainda é preciso observar que a dificuldade social de compreender a complexidade das relações homossexuais faz com que essas relações sejam lidas a partir do modelo heterossexual, onde o ativo é o homem da relação e o passivo seria a mulher da relação. Esse reducionismo impede que se reconheça a complexidade da VPI nas relações homossexuais, pois de acordo com Souza (2022), é preciso que se reconheça que as posições sexuais adotadas pelos parceiros na relação pouco têm a ver com a determinação da VPI, pois tanto o passivo quanto o ativo (ou mesmo os chamados ‘versáteis’, que adotam as duas posições em suas relações) podem ser vítima e perpetrador de VPI, pois se reconhece a multicasualidade da violência nas relações homossexuais, de forma que é preciso que se reconheça os diversos fatores interseccionais envolvidos na produção do episódio de VPI.

Continuando, P5 nos auxilia no avanço da discussão:

P5: [...] o grande problema é alimentar a questão da agressividade no sexo, de que tem que ser forte; de que quanto maior o pênis, mesmo que machuque, melhor; de que você tem que fazer chuca todo dia pra todo dia estar pronto pra dar, porque o ativo não vai gostar se sujar o pau dele; e sobre a penetração ser o auge do prazer porque não daria pra gozar sem penetrar e não dá pra se estimular de outras formas.

Novamente observamos que a centralidade da sexualidade masculina parece estar no próprio ato sexual em si e componentes como o pênis tem especial importância, o que corrobora com o discutido por Gomes (2011). Observamos ainda uma relação de masculinidades entre o ativo e o passivo na relação. É preciso que observemos que os estereótipos de masculinidade dissipam na sociedade a perspectiva de que o homem precisa estar sempre pronto para uma relação sexual e esse componente de performatividade extrapola o nível da heterossexualidade e pode ser observado inclusive entre homens gays/bissexuais (SOUZA, 2022). Mas o ato sexual entre homens que se relacionam com homens possui a necessidade de higienização do canal anal, chamada de 'chuca'. Quando P5 explicita a suposta necessidade de fazer a chuca todos os dias para estar sempre pronto a ter uma relação sexual, o participante denuncia a performatividade de masculinidade hipersexualizadora, onde deve-se aproveitar toda oportunidade para contato sexual dentro de uma relação de masculinidade hierarquizada, já que o ativo poderia não gostar se seu pênis fosse sujo por fezes na relação e, caso isso ocorra, além do constrangimento, aumenta-se o risco para a VPI.

Outro ponto da fala de P5 envolve o uso da agressividade na relação sexual entre homens. Isso pode ser compreendido a partir da influência da pornografia na subjetividade das masculinidades. Isso devido ao fato de que a pornografia estimula o ato sexual mediado pelo uso da violência, o que funciona como uma forma de autoafirmação da masculinidade do homem que é violento (LOPES, 2013). De acordo com Khan e Raby (2020), homens aprendem suas referências sobre sexo e sexualidade através da pornografia. Essa sexualidade acaba por ser caracterizada como hipersexualizada, centrada no pênis como principal zona erógena e no coito, representada por uma obsessão pela penetração (CÓRDOBA; IBARRA- CASALS, 2020).

4º) Disputa de poder

Esse tema sugeriu que as relações íntimas entre homens têm um componente de relação de poder. Compreendemos o conceito de poder a partir de Foucault (2014). O autor explica que o poder é dissolvido nas sociedades, de maneira em que, através de vários mecanismos, tenta-se disciplinar os corpos para que este sejam fáceis de serem governados e úteis economicamente. A ideia de um poder disciplinar envolve uma constante vigilância sobre os corpos, onde os sujeitos precisam obedecer às normas sociais rígidas, pois seus comportamentos podem ser observados e comparados. Nesse sentido, a violência é exercida não somente no corpo das pessoas, mas em suas subjetividades para que esses sigam as regras e normas sociais. De acordo com Pimenta e Natividade (2012), na socialidade de masculinidade, o poder pode ser traduzido como o estabelecimento de relações e práticas de subordinação para com aquele que é reconhecido como inferior e essa questão se dá baseada em marcadores de performatividade de gênero, raça, classe, etnia, religião e afins. No que diz respeito as relações íntimas, podemos observar relações de poder na fala de P2:

P2: (ele tentava) dominar as coisas que eu fazia na relação, mas nunca conseguiu plenamente. A a tentativa era essa, ele queria exercer poder até sobre as minhas finanças, porque eu ganhava mais do que ele, mas ele não conseguiu.

Observemos as complexidades envolvidas: P2 era o parceiro predominantemente passivo na relação, além de não performatizar a masculinidade tradicional. Já seu parceiro exibia traços de virilidade e era predominantemente ativo na relação. Pode-se refletir que a relação de poder descrita em sua fala aponta para uma reprodução do modelo heterossexual de relacionamento, onde o homem viril dominaria a mulher frágil (nesse caso, o ativo dominando o passivo). Cabe ainda a reflexão de que, de acordo com Foucault (2014), o poder é exercido nas relações sociais e todos podem exercê-lo. Quando P2 explicita que seu parceiro o tentava controlar e não conseguiu, P2 também se mostra capaz de exercer poder. A relação de poder entre os dois ainda envolve a intersecção gênero/classe. P2, poderia estar em desvantagem por conta da sua performatividade de gênero, mas por outro lado, estava em vantagem por ter renda maior que a de seu parceiro. Assim, observamos que as relações íntimas entre homens podem se parecer mais com relações de poder do que com relações afetivas em si (WOODYATT; STEPHENSON, 2016).

Outros pontos da relação de poder na VPI envolve o término da relação, como relatado na fala de P4, a seguir:

P4: (Ao relatar o término da relação) Esse corte eu não consegui aceitar bem e virei uma pessoa obsessiva com ele e é uma coisa tão obsessiva que eu sei onde ele tá hoje. Só não rolou violência física porque depois disso a gente não se encontrou. O problema foi no final que eu não aceitei nenhum pouco bem, e ao fazer isso, chegou a um ponto em que ele teve que trocar número de celular, porque eu fiz uma perseguição do c#@#%#o. Eu tinha medo de perder ele, de me separar dele e isso aconteceu e eu não soube lidar. Essa questão de poder dentro da relação na época era uma coisa automática, então eu não via tipo “eu tenho poder sobre ele e não quero perder esse poder”, pra mim não, era perder ele.

Em relação a fala de P4, é preciso que compreendamos que ele exercia poder sobre seu parceiro de diversas maneiras, mas quando seu parceiro exerceu poder terminando a relação, isso causou uma desorganização em sua subjetividade. O término de uma relação pode causar emoções intensas em ambos os parceiros (LEVY; GOMES, 2011), mas causa mobilização diferenciada naquele que não queria que a relação acabasse (MARCONDES; TRIERWEILER; CRUZ, 2006). Dessa maneira, podemos observar que a perseguição que P4 perpetrou contra seu parceiro após o término da relação funcionou como uma forma de VPI que poderia ter como objetivo a retomada do poder perdido.

Kimmel (1998) explica que as classes sociais dominantes geralmente não percebem o poder que possuem, e essa reflexão pode ser aplicada no caso de P4. Observemos que em outro momento deste estudo, P4 relatou que tinha como principal referência sua mãe, que exercia comportamentos dominadores em relação ao seu pai. P4, ao internalizar esse mecanismo, reproduziu padrão de dominação parecido na sua relação íntima, e isso ocorria de maneira naturalizada, de forma que o mesmo não conseguia se perceber como exercendo poder e VPI sobre seu parceiro. Em um nível primário, as supostas motivações para a perseguição pós-relacionamento voltavam-se a tentativas de restaurar a gratificação emocional, fruto da relação íntima; mas em um segundo nível, essa perseguição pode representar tentativas de restaurar a relação dominador/dominado aprendida anteriormente no núcleo familiar como modelo ideal de relação íntima.

Considerações Finais

O objetivo deste estudo foi analisar os significados da VPI nas relações íntimas de um grupo de homens que mantém relações homossexuais. Construímos quatro temas que nos dão pistas sobre como esses homens significam a violência em suas relações íntimas.

O primeiro tema sugeriu diversos fatores generificados operando na produção da VPI, como a agressividade como componente de virilidade, a gestão das emoções no sentido de não demonstrar

afetividade, pois essa seria uma demonstração de fraqueza e um processo de homonormatização dos corpos de homens gays/bissexuais. O segundo tema, corroborou com a literatura, ao explicitar que vivenciar violência na família de origem é fator de risco para a VPI na vida adulta, mas esse processo é agravado devido ao estresse social ao qual minorias sexuais são submetidas durante todo seu processo de desenvolvimento.

O terceiro tema sugeriu que a violência sexual assume diversas formas e é influenciada pela pornografia e por estereótipos de gênero que centralizam a sexualidade masculina no pênis e no coito, além de sugerir que a VPI pode ser perpetrada por parceiros que sejam ativos ou passivos em suas relações sexuais. O quarto tema sugeriu que a VPI funciona como uma forma de exercício de poder de um parceiro sobre o corpo e a subjetividade do outro e que as relações íntimas entre homens podem ter inúmeras características de disputa de poder, disputa essa baseada em marcadores interseccionais e que a VPI pode persistir mesmo após a relação ser finalizada, funcionando como tentativas de restabelecer a relação dominador/dominado.

Como limitações este estudo não investigou a experiência de VPI de homens com deficiência e/ou transexuais que se relacionam com outros homens, pois não encontramos participantes pertencentes a esses grupos sociais. Como fazem parte de grupos duplamente marginalizados, a sociedade tende a invisibilizar as experiências de vida de sujeitos pertencentes a esses grupos. Além do mais, a quantidade limitada de participantes dessa pesquisa não permite a generalização dos resultados, o que levanta a necessidade de mais pesquisas sobre VPI voltada ao público de homens que se relacionam com outros homens.

Referências

- ARAÚJO, J. S. et. al. Os atos representacionais do falo no cotidiano do homem penectomizado: a amputação, religiosidade e a família. **Revista Cuidado é Fundamental**, v.6, n.2, p.462-473, 2014. Disponível em: http://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/2996/pdf_1227. Acesso em: 29 nov. 2023.
- BORGES, M. T.; TILIO, R. Consumo de pornografia midiática e masculinidade. **Revista Periódicus**, v.10, n.1, p.402-426, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i10.25851>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- BULLER, A. M. et al. Associations between Intimate Partner Violence and Health among Men Who Have Sex with Men: A Systematic Review and Meta-Analysis. **PLoS Medicine**, v.11, n.3, p.e1001609, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1001609>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CALTON, J. M.; CATTANEO, L. B.; GEBHARD, K. T. Barriers to Help Seeking for Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Queer Survivors of Intimate Partner Violence. **Trauma Violence Abuse**, v.17, n.5, p.585-600, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1524838015585318>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- CHONG, E. S. K.; MAK, W. W. S.; KWONG, M. M. F. Risk and Protective Factors of Same-Sex Intimate Partner Violence in Hong Kong. **Journal of Interpersonal Violence**, v.28, n.7, p.1476-1497, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0886260512468229>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v.21, n.1, 241-282, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- CONNELL, R.W. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.
- CÓRDOBA, M. G.; IBARRA-CASALS, D. Pornografía y Masculinidades en Tiempos de COVID-19. **Revista Subjetividad y Procesos Cognitivos**, v.4, n.2, p.178-197, 2020. Disponível em: <https://publicacionescientificas.uces.edu.ar/index.php/subprocog/article/view/1063>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- COSTA, C. B.; CENCI, C. M. B. A relação conjugal diante da infidelidade: a perspectiva do homem infiel. **Pensando famílias**, v.18, n.1, p.19-34, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100003. Acesso em: 29 nov. 2023.

- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial. **Revista de Estudos Feministas**, v.10, n.1, p.171-187, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FINNERAN, C.; STEPHENSON, R. Intimate Partner Violence, Minority Stress, and Sexual Risk-Taking Among U.S. Men Who Have Sex With Men. **Journal of Homosexuality**, v.61, n.2, p.288–306, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00918369.2013.839911>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- FONTES, O. A.; BORELLI, F. C.; CASOTTI, L. M. Como ser homem e ser belo? Um estudo exploratório sobre a relação entre masculinidade e o consumo de beleza. **REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)**, v.18, n.2, p.400-432, 2012. <https://doi.org/10.1590/S1413-23112012000200005>. Acesso em: [?]
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FRY, P. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro. Brasil: Zahar editores, 1982.
- GOMES, R. A sexualidade masculina em foco. In: GOMES, R. **Saúde do homem em debate**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011. p. 145-156.
- GUADALUPE-DIAZ, X. L.; BARREDO, J. An exploration of predictors for perpetration of same-sex intimate partner violence in a community sample of lesbians, gays and bisexual. **Sociation Today**, v.11. n.2, p.12-26, 2013. Disponível em: <http://www.ncsociology.org/sociationtoday/v112/ipv.html>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- KHAN, T. H.; RABY, R. From missing to misdirected: young men's experiences of sex education in Bangladesh. **Sex Education**, v.20, n.6, p.583-596, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14681811.2019.1703177>. Acesso em: 29 nov 2023.
- KIMMEL, M. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, v.4, n.9, p.103-117, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- LEVY, L.; GOMES, I. C. Relações amorosas: rupturas e elaborações. **Tempo psicanalítico**, v.43, n.1, p.45-57, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000100003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 29 nov. 2023.
- LOPES, A. S. S. P. **Consumo de pornografia na internet, avaliação das atitudes face à sexualidade e crenças sobre a violência sexual**. Lisboa. (Dissertação). Universidade Autónoma de Lisboa, 2013.
- MARCONDES, M. V.; TRIERWEILER, M.; CRUZ, R. M. Sentimentos predominantes após o término de um relacionamento amoroso. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.26, n.1, p. 94-105, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000100009>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- MEYER, I. H. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. **Psychol Bull.** v.129, n.5, p.674-697 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1037%2F0033-2909.129.5.674>. Acesso em: 209 nov. 2023.
- MINAYO, M. C. de S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v.5, n.7, n.1-12, 2017. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82/59>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- MISSE, M. **O Estigma do passivo sexual: um símbolo de estigma no discurso cotidiano**. Rio de Janeiro. Brasil: Booklink/UFRJ, 2007.
- OLIVEIRA, J. M. de. Cidadania sexual sob suspeita: uma meditação sobre as fundações homonormativas e neo-liberais de uma cidadania de “consolação”. **Psicologia & Sociedade**, v.25, n.1, p.68-78, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000100009>. Acessos em: 29 nov. 2023.
- OLIVEIRA, M.; SANI, A. I. A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. **Revista da faculdade de ciências humanas e sociais**, n.6, p.162-170, 2009. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/1325>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence**. Geneva: World Health Organization,

2013.

PAIXÃO, G. P. do N. et al. Mulheres vivenciando a intergeracionalidade da violência conjugal. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.23, n.5, p.874-9, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-1169.0010.2626>. Acesso em: 29 nov. 2023.

PEREIRA, S. J. N.; AYROSA, E. A. T. Corpos consumidos: cultura de consumo gay carioca. **Organizações & Sociedade**, v.19, n.61, p.295-313, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/11199>. Acesso em: 29 nov. 2023.

PIMENTA, S. M. de O.; NATIVIDADE, C. Humano, demasiadamente humano: sobre emoções e masculinidade. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v.28, n.spe, p.605-637, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502012000300009>. Acesso em: 29 nov. 2023.

RODRIGUES, R. de C. C. Homofilia e homossexualidades: recepções culturais e permanências. **História (São Paulo)**, v.31, n.1, p.365-391, 2012.

SANTOS, A. M. R.; CARIDADE, S. M. M. Violência nas relações íntimas entre parceiros do mesmo sexo: estudo de prevalência. **Temas em psicologia**, v.25, n.3, p.1341-1356, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.9788/tp2017.3-19pt>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SANTOS, D. Ogó: encruzilhadas de uma história das masculinidades e sexualidades negras na diáspora atlântica. **Universitas Humanas**, v.11, n.1, p.7-20, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5102/univhum.v11i1.2923>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SANTOS, L. Homens e expressão emocional e afetiva: vozes de desconforto associadas a uma herança instituída, **Configurações**, v.15, p.31-48, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/configuracoes.2593>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SCHRAIBER, L. B. *et al.* Homens, masculinidade e violência: estudo em serviços de atenção primária à saúde. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v.15, n.4, p.790-803, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2012000400011>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SOUZA, D. C. **Violência nas relações homossexuais masculinas em Manaus**. Manaus: UEA, 2022.

SOUZA, D. C.; SILVA, I. R.; HONORATO, E. J. S. Relaciones abusivas: significaciones atribuidas por jóvenes universitarios de Manaos. **Última Década**, v.30, n.58, p.226–256, 2022. Disponível em: <https://ultimadecada.uchile.cl/index.php/UD/article/view/67288>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SOUZA, D.; HONORATO, E. J. S. Violência nas relações homossexuais: uma bio-necropolítica? **Revista Espaço Acadêmico**, n.225, p.1-17, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/54450>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SOUZA, D.C.; SILVA, M. A.; BEIRAS, A. Violence in intimate relationship between women. Integrative literature review. **Interamerican Journal of Psychology**, v.55, n. 2, p.e1556, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.30849/ripijp.v55i2.1556>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SOUZA, E. R. de. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.10, n.1, p.59-70, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000100012>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SOUZA, L. K. de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v.71, n.2, p.51-67, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.51-67>. Acesso em: 29 nov. 2023.

STEPHENSON, R. et al. Intimate partner, familial and community violence among men who have sex with men in Namibia. **Culture, Health & Sexuality**, v.16, n.5, p.473–487, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13691058.2014.889753>. Acesso em: 29 nov. 2023.

STILES-SHIELDS, C.; CARROLL, R. A. Same-Sex Domestic Violence: Prevalence, Unique Aspects, and Clinical Implications. **Journal of Sex & Marital Therapy**, v.41, n.6, p.636–648, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0092623X.2014.958792>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SUGG, N. Intimate Partner Violence Prevalence, Health Consequences, and Intervention. **Med Clin N Am**, v.99, p.629–649, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.mcna.2015.01.012>. Acesso em: 29 nov. 2023.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. São Paulo: Record,

2000.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>. Acesso em: 29 no. 2023.

WOODYATT, C. R.; STEPHENSON, R. Emotional intimate partner violence experienced by men in same-sex relationships. *Cult Health Sex*, v.18, n.10, p.1137–1149, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1080%2F13691058.2016.1175027>. Acesso em: 29 nov. 2023.